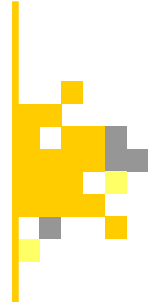


ENTREVISTA

Leonardo Dallacqua de Carvalho (Doutor em História, Pesquisador, Professor, Universidade Estadual do Maranhão)



Sobre o entrevistado

Doutor em História pela Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ-RJ (2019) e bolsista FIOCRUZ. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2014) e bolsista FAPESP. Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2010) e bolsista FAPESP.

Atualmente é Pesquisador pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA-CNPq). Credenciado e Docente no Pós-Graduação em História (PPGHIST), na Universidade Estadual do Maranhão. Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2021-2022).

Foi professor substituto no Instituto Federal do Piauí, campus de Teresina, Zona Sul (2019 e 2020). Atuou como professor substituto, conferencista e convidado pela Universidade Estadual Paulista, UNESP (2017, 2015 e 2013). Tem parceria no Programa de Pós-Graduação em História (lato sensu) na Unisagrado (Bauru) na disciplina "Raça, Ciências e Intelectuais no Brasil". Coordenador do Laboratório de Estudos em História da Saúde e das Doenças - LHSD, na Universidade Estadual do Piauí - Campo Maior.

Tem experiência na área de História, com ênfase em História das Ciências e da Saúde e História Intelectual. Trabalha com temas relacionados à saúde pública, saneamento, eugenia, história intelectual, pensamento social brasileiro, questões relacionadas à raça e interpretação da Nação.

ORCID: 0000-0002-7893-3092

Lattes: 4724867414570557

E-mail: leo.historiafiocruz@gmail.com

1. Os movimentos de extrema direita que emergiram no Sul e Norte Global são marcados por diferenças significativas. Mas há particularidades e nuances de ambas as experiências. Quais são as semelhanças e diferenças?

Leonardo Dallacqua de Carvalho – Creio que o principal aspecto é relativo à qualidade de vida e à economia. Os países do Sul Global vivem, de fato, todas as dores do neoliberalismo. A sua população espoliada, precarizada, com restrições nos ganhos trabalhistas e poder de compra passa a ser seduzida por discursos saudosistas em que os governos progressistas parecem não trazer respostas. No Brasil, somado a isso, especialmente nas chamadas Jornadas de 2013, percebemos um sequestro da população trabalhadora para pautas antipolíticas, “nacionalistas” e na emergência de uma reorganização dos poderes e da Constituição. O Brasil teve componentes agravantes como uma militância jurídica e religiosa em que se agarrou no extremismo de direita para prosperar suas pautas. Razão pela qual é preciso olhar as particularidades de cada cenário em que essa extrema direita se desenvolveu e perceber suas conexões com a política internacional.

2. Qual é o marco ou os marcos determinantes do surgimento das direitas radicais?

LDC – Vejo as direitas radicais com o desejo autoritário associado ao populismo. Não vejo como algo exclusivo do século XXI, mas da segunda metade do século XX, situado no pós Segunda-Guerra. Esse radicalismo tem sido personificado na figura de lideranças cuja apelação midiática e o populismo conseguiram promovê-las a postos importantes de poder seja no Norte ou Sul global. O advento da internet e das redes sociais amplificou o seu poder de enraizamento em setores populares, criando justificativas e alternativas para a sua sobrevivência.

3. Há ou não há compartilhamentos de estratégias, estilos e Discursos entre os líderes de extrema direita?

LDC – Muito se fala de uma extrema direita internacional e bem articulada. A conexão entre Donald Trump e Jair Bolsonaro é a expressão dessa demanda internacional. Por sua vez, Bolsonaro buscou fortalecer os laços com a extrema direita da Europa com Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, a quem chamou de irmão. Um dos maiores articuladores dessa rede é Steve Bannon, uma personagem que tomou frente nas redes de articulação para promover essa rede internacional.

4. Afinal, qual a expressão mais correta e adequada para definir esse movimento: populismo reacionário? Fascismo pós-moderno? Neofascismo?

LDC – Penso que todas e nenhuma. Estamos ainda à procura de um termo mais consolidado no que

podemos definir esse projeto de poder autoritário, populista de direita. Ao mesmo tempo todos os termos podem ser empregados como luta política e identificação desse conceito ainda impreciso. É certo que esses movimentos vivem um refluxo atualmente, mas é preciso observar a maneira como estão se reorganizando após o recente período de apogeu. Subestimá-los também é errado à medida que aprenderam a tensionar os problemas econômicos dos trabalhadores e manejar um populismo que consegue se adaptar às democracias.

Entrevistadores: José Renato Ferraz da Silveira e George Leonardo Seabra Coelho